

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Fria
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Fomes de Leão e Iadil Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernando Diamant, Hélio Schwartzman,
Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano,
Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pêssio Arida, Ronaldo Lemos,
Thiago Amparo, Luiz Fria e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Faria
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacini (finanças, planejamento
e novas negócios) Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais),
João Cestari (tecnologia) e Marcelo Remei (comercial)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Escarcéu de Moraes termina em vexame

Investigação sobre suposta hostilidade em Roma teve série de abusos do STF e da PF, mas, no fim, prevaleceu o direito diante da truculência estatal

Terminou de forma vexaminosa para Alexandre de Moraes o imbróglio que envolveu o próprio ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), seu filho e três outros brasileiros no aeroporto de Roma, sendo certo que não havia justificativa plausível para tanto.

Assim como não houve justificativa para o ministro Dias Toffi, relator do inquérito no Supremo, deixar a papalada sob sigilo durante certo tempo — e menos ainda pa-

ra manter, por prazo ainda maior, o sigilo das imagens do circuito interno do aeroporto de Roma.

A PF tampouco passou ilhada. Entre medidas exageradas e mesmo abusivas, a instituição chegou ao absurdo de revelar a comunicação de um advogado com seu cliente, em franca violação de um princípio assegurado pela Constituição.

Com essa sequência de violências institucionais, Moraes e os que o seguiram ofereceram a Bolsonaroistas de diversos quâdras um pretexto perfeito para que voltassem à carga contra o STF, órgão essencial para a preservação da democracia e, por isso mesmo, alvo prioritário daqueles que querem derrubá-la.

Felizmente, a desavença terminou com uma nota positiva a conclusão da PF. Apesar de toda a pressão, e sem que se minimizem os esforços sofridos pelo trió envolvido no imbróglio, prevaleceu, no fim das contas, o direito do cidadão diante da truculência estatal.

Desvarios de Lula

Banalização de genocídio e do Holocausto não deveria estar no repertório de um chefe de Estado

Não há como saber ao certo se Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mediu previamente as consequências de suas declarações desvariadas sobre a ofensiva de Israel na Faixa de Gaza ou se, como é frequente, subiu ao improviso presunções. As duas hipóteses são plausíveis.

O que está acontecendo na Faixa de Gaza com o povo palestino não existe em nenhum outro momento histórico. Aliás, existiu quando Hitler resolveu matar os judeus; pontifício ou cacique petista no domingo (18), em entrevista durante visita à Etiópia. “Na Faixa de Gaza não está acontecendo uma guerra, mas um genocídio”.

Para além da demonstração de plena ignorância sobre a história dos conflitos da humanidade, a banalização de temas como genocídio e o Holocausto, que proliferam na gritaria das redes sociais, não deveria fazer parte do repertório de um chefe de Estado.

Foi flagrante, aliás, o contraste entre a levianidade das assertivas sobre Israel e a cautela reverente com que Lula, na mesma viagem internacional, tratou da morte de Alexei Navalni, opositor que esta-

va encarcerado pelo regime russo. Ali não se viu vestígio de questionamento à degradação da democracia sob Vladimir Putin, seu colega de Brics, como se todo o caso se resumisse a uma investigação de legistas sobre o que se passou nos momentos finais do morto.

O governo de Israel — que, sim, tem muito a ser criticado, e não só pela mortandade promovida após o ataque terrorista do Hamas — não deixaria de responder ao destampatório. O mandatório brasileiro passou a ser considerado “pessoa não grata” o embaixador do Brasil, alvo de uma reprimenda, foi chamado de volta ao país.

No plano doméstico, os arru-bos retóricos de Lula têm o efeito de inflamar tanto seguidores quanto opositores mais extremados, fomentando o mau humor político que lhe convém. Se esse é o benefício esperado, o preço a pagar é a credibilidade da política do Itamaraty.

Foi flagrante, aliás, o contraste entre a levianidade das assertivas sobre Israel e a cautela reverente com que Lula, na mesma viagem internacional, tratou da morte de Alexei Navalni, opositor que esta-



Diplomacia em frangalhos

Hélio Schwartzman

Al, Luiz Inácio Lula da Silva. Quando ele se agarra a um cortejo preparado pelo Itamaraty, ainda é possível enxergar uma posição minimamente coerente com a tradição diplomática brasileira. Foi o caso do discurso que ele fez no sábado (17) na abertura da cúpula da União Africana em Adis Abeba. Ali, sem deixar de criticar Israel, também condenou os ataques do Hamas e pediu a libertação imediata de todos os reféns.

Basta, porém, que Lula comece a falar de improvisos para comportar-se não como presidente da República mas como diretor de grêmio estudantil, desfiando os mais ignorantes chavões da esquerda. Foi o que ele fez no domingo (18), ao equiparar as operações de Israel em Gaza ao Holocausto nazista. É difícil até

listar o número de instâncias em que a comparação é errada. Hitler, com base numa concepção essencialista de hierarquias raciais, se pôs a eliminar todos os judeus da Europa.

Israel reage, ainda que desproporcionalmente, a um ataque terrorista. Não estava sugerindo que Israel

seja inimpugnável. Eu mesmo critico quase que semanalmente a máo pesada do governo Netanyahu. Penso que imperativos morais e legais existiam para as ações militares fossem muito mais cuidadosas, mesmo que isso implique retardar o objetivo legítimo de reduzir a capacidade do Hamas de atacar Israel.

Lula, ao dizer que Tel Aviv repetia Hitler, desferiu contra os israelenses um golpe abaixo da cintura. É algo que contraria o argumento que o próprio presidente sempre invoca para justificar a manobras com que trata violações cometidas por aliados seus, como Maduro e Putin: não se pode ser muito veemente nas declarações para não perder o poder de influenciar.

Na administração Bolsonaro padecemos do problema oposto, que era a adesão automática às mais extremas posições do governo Netanyahu. Para quem ouvia de fora esse zig-zague, a conclusão inescapável é que o Brasil não mantém uma política externa séria.

Não estou sugerindo que Israel

Malafaia atrevido

Juliano Spyer

Antropólogo, autor de “Fera de Deus” e criador do Observatório Evangélico e do site de consultoria Neotoma

“Alexandre de Moraes tem de tomar um impeachment e ser preso, pelo bem da democracia” foi por causa de declarações como esta, feitas em vídeo na semana passada, que alguns evangélicos se perguntam se o pastor Silas Malafaia está forçando a barra para ser preso. Ou se ele acredita que sua popularidade o blindará para atuar como agitador antidemocrático.

Há vários motivos para Malafaia atacar Moraes publicamente. Ao fazer isso ele demonstra lealdade a Bolsonaro, que, em 2022, em encontro com pastores, disse: “Eu dirijo a nação para o lado que os senhores desejarem”. Essa disposição para proteger o ex-presidente enquanto outros se esquivam o posiciona como um dos herdeiros do espólio político de Bolsonaro.

Mas Malafaia pode estar lutando para sobreviver. Carlos Viana, senador, líder da bancada evangélica, criticou recentemente o governo federal por utilizar instituições como a Receita, para atacar deslealmente. Malafaia pode se sentir encurralado e mais disposto a ir para o lado da direita, assumindo os riscos ainda maiores se sua igreja e editais continuam devendo ao Fisco, como noticiu o UOL em 2021.

Malafaia passou a imagem de que é um grande porta-voz do campo evangélico. Sua marca como evangelista é dizer o que muitos pensam, mas não têm coragem de falar publicamente. Seu programa de TV está no ar há 38 anos e seus perfis nas redes superam 10 milhões de seguidores. Mas ele também é um personagem polêmico entre cristãos. Em igrejas históricas, ele é visto como alguém que prioriza conquistas financeiras. E pentecostais frequentemente o criticam por ser mais político que pastor.

“Malafaia nunca conseguiu se eleger ou eleger quem ele apóia para o cargo de presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus”, explica Marcos Simas, que foi editor-chefe no Brasil da Christianity Today, uma publicação respeitada no meio evangélico. “Ou seja, não tem essa força toda dentro da própria denominação”. Na década passada, Marcos publicou o artigo “Silas Malafaia, a quem ele representa?”.

Por causa dessa popularidade contestada, Malafaia teve de se retratar após anunciar que usaria recursos de sua igreja, orações e dízimos, para alugar um tribo eletrônico para o ato de apoio a Bolsonaro, marcado para este mês em São Paulo. Mesmo assim, talvez Malafaia nunca tenha concentrado tanto poder. Enquanto muitos defendem o ex-presidente com medem palavras, ele provoca abertamente o todo-poderoso ministro do STF. Moraes deve saber que uma eventual prisão despertaria o senso corporativista dos evangélicos. E o pastor Silas será alçado a um patamar semidivino entre cristãos: o de messiás perseguido.

spyer@uol.com.br

Palpite para lá de infeliz

Dora Kramer

Não podem mais ser vistas como diásporas ou meramente políticas as declarações do presidente Luiz Inácio da Silva sobre a guerra entre Israel e o Hamas. A comparação da ação militar israelense em Gaza (sem dúvida exorbitante) ao extermínio de judeus na Segunda Guerra Mundial posiciona o mandatário brasileiro muitos degraus acima na escala da terrível diplomacia.

Assumiu um lado, e da pior maneira na cena mundial, ao receber elogios e agradecimentos do grupo terrorista. Não bastassem a comendância com ditadores e a concessão do benefício da dúvida a Vladimir Putin na morte de Alexei Navalni, agora mais essa.

É humanamente indensível e historicamente equivocada a declaração de Lula dizendo que realmente pensa na Etiópia, sem a moderação de contenção ambigua das falas oficiais preparadas pelo Itamaraty: “O que está acontecendo na Faixa de Gaza com o povo palestino não existe em nenhum outro momento histórico. Aliás, existiu quando Hitler re-

solveu matar os judeus”.

Beira a ligeiriza o modo como o presidente trata o Holocausto. Hitler não “resolveu” matar judeus e sim executou um projeto de genocídio que dizimou 6 milhões de vidas e traumatizou o mundo em geral, a Alemanha em particular. Não tendo enfrentado rejeição entre os evangélicos, certamente terá problemas eleitorais com outro importante e influente estrato religioso: a comunidade judaica.

A série de manifestações antissemitas do campo aliado ao presidente já vinha sinalizando indisposição para com candidatos de esquerda, seja na eleição municipal de 2024 ou na forma de troca maior na disputa pela reeleição em 2026.

O camarote lotado do golpe

Alvaro Costa e Silva

À medida que avançam as investigações da Polícia Federal e o zap da casserna ésquadrinhada de uma porta à outra, o entorno conspiratório de Bolsonaro está se transformando no camarote dos irmãos Marx, cena clássica do filme “Uma Noite no Ópera”. Contrariando as leis da física e da decência, sempre cabe mais um. Mais um golpista.

Até quem aparentemente não foi convidado à casa, como penetra. Logo após a Operação Tempus Veritatis, o general Mourão correu para ocupar a tribuna do Senado. Mesmo aquele bolsonarista que tem dificuldade para interpretar um texto em francês também atuou nas Forças Armadas e se insurgiu contra o que definiu como “devassa persecução”. Depois, no mesmo e asqueroso, baixou o tom, dizendo-se legalista.

Segundo a jornalista Mônica Bergamo, Roberto Mangabeira Unger pretende entrar com habeas corpus preventivo no STF para manter o ex-presidente fora da prisão. Ex-ministro de Lula (de quem, an-

tes, havia pedido o impeachment), já tendo se apresentado como guru de Ulysses Guimarães, Lenel Bráida e Ciro Gomes, Mangabeira nega sua intenção. Não importa: sua exposição midiática teve o mesmo efeito de aparecer na festa da Selma com uma melancolia no pescoço.

Em sua delação à PF, o tenente-coronel Mauro Cid citou o senador Luis Carlos Heinze como integrante do grupo que atacou o sistema eleitoral e defendia a necessidade de ação militar para impedir a posse de Lula. Ministro da Saúde de Bolsonaro durante a pandemia de Covid, hoje deputado federal pelo Rio, o general Panello também atuou na banda radical. Entre os empresários, os suspeitos de sempre: Luciano Hang, Meyer Nigri, Afonso Barreiros. Há outros, inclusive no rol dos exploradores da fé.

Prestes a explodir, o camarote golpista cada vez enche mais gente. A diferença é que, com Groucho, Harpo e o ex-presidente fora da prisão, Bolsonaro é criminoso.